

**Boletim**  
**Estudos**  
**Clássicos**



Associação Portuguesa de Estudos Clássicos  
Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra

DEZEMBRO 2007

## UM PERCURSO PARA LATIM: *FELES LVDENS*

Na continuidade da versão latina do poema “E agora, José?” de Carlos Drummond de Andrade, apresentada em número anterior deste *Boletim* (46, Dezembro de 2006), achámos oportuno divulgar outras versões latinas, também de Silva Bélkior, eventualmente ajustadas a estabelecer um laço interdisciplinar com a cadeira de Português no Ensino Secundário. Referimos aos *Carmina Pessoaana*, conjunto de 30 poemas, sobretudo de Pessoa ortónimo e de Ricardo Reis, que o referido latinista publicou em edição bilingue (Lisboa, 1985).

Pessoa e o seu heterónimo horaciano constituem, em geral, um ponto de partida mais consensual, na passagem para o latim, do que o autor de “E agora, José?”. Embora poucos anos mais novo, Drummond de Andrade testemunha já, no vocabulário, no estilo e nas temáticas, uma ruptura pronunciada com a linguagem poética tradicional, de algum modo marcada pela herança latina. É certo que em Pessoa não faltam exemplos óbvios e até extremos, dessa ruptura; não obstante, uma parte substancial da obra mantém-se fiel ao modelo clássico de uma linguagem poética que prima, mesmo nas inovações mais arrojadas, por uma indefectível clareza e disciplina de expressão. Para tal poderá ter contribuído, a nosso ver, o facto de o latim – em especial o da poesia de Virgílio e Horácio, que a escolaridade de Pessoa integrou de forma consistente – ter funcionado como ponte entre o inglês, a primeira língua de expressão literária do poeta, e o português, cujas virtualidades criativas, por vezes, à sombra do latim<sup>1</sup>, só posteriormente se

---

<sup>1</sup> Dessa preferência de Pessoa “por imprimir às palavras um cunho semântico original”, assinalada por J. Prado Coelho em *Diversidade e unidade em Fernando Pessoa* (Lisboa 1982, 7ª ed. revista), p. 132, fazem parte, além de vários exemplos aí registados para Reis, outras de uso comum, como o famoso ‘fingir’, onde o sentido vulgar (depreciativo) se enlaça ao sentido latino e, concretamente, horaciano (“criar”). Veja-se o nosso estudo “À volta do poeta fingidor”, in *Rostos de Pessoa* (Coimbra 2000), esp. pp. 17-18. Outros termos comuns são aproximados do seu uso estóico-epicurista em latim, como ‘saber’ (= saborear) e ‘translúcido’ (= brilhante), entre outros referenciados em “Vertentes clássicas de Alberto Caeiro e Ricardo Reis”, *ibidem*, pp. 81-106.

foram impondo (lembre-se o clima exacerbado de nacionalismo, que marcou o fim da monarquia e os primeiros anos da república, e que o poeta encontrou ao regressar a Portugal).

O poema que aqui trazemos, de 1931, é um dos mais significativos desse classicismo formal, ao serviço de uma vivência moderna de “estranhamento” que o movimento reflexo da consciência inflige ao “eu” do poeta, submetendo-o à experiência aniquilante da autodissociação (“conheço-me e não sou eu”). Experiência, afinal, não diversa da que impregna a evocação da ceifeira (“Ela canta, pobre ceifeira ...”), numa poesia datada cerca de 17 anos antes (1914), onde o mesmo motivo se condensa num *adynaton* famoso: “Ah, poder ser tu, sendo eu!/ Ter a tua alegre inconsciência/ E a consciência disso!”<sup>2</sup>. Mais contido – diríamos, mais resignado – o “desabafo” de 1931 reitera, na forma dialógica já conhecida, a “dor de pensar”, intrínseca ao drama da consciência:

*Feles qui ludis in via  
velut si in lectulo stratus,  
hanc tibi sortem invideo  
quia nempe nec sors vocatur.*

Gato que brincas na rua  
como se fosse na cama,  
invejo a sorte que é tua  
porque nem sorte se chama.

*Fatalium bonus es servus  
saxa regentium et gentes,  
communia instincta qui sequeris  
et solum sentis quod sentis.*

Bom servo das leis fatais  
que regem pedras e gentes,  
que tens instintos gerais  
e sentes só o que sentes.

*Eo felix quod es ita.  
Nil quod es est omne tecum.  
Video me, et absque vivo.  
Me cognosco et non sum ego.*

És feliz porque és assim.  
Todo o nada que és é teu.  
Eu vejo-me e estou sem mim.  
Conheço-me e não sou eu.

---

Quanto aos latinismos propriamente ditos, veja-se, além da obra citada de J. Prado Coelho, pp. 131-135, o estudo de M. H. Rocha Pereira, “Reflexos horacianos nas odes de Correia Garção e Fernando Pessoa -Ricardo Reis” in: *Temas clássicos na literatura portuguesa* (Lisboa s/d) 93-108, esp. 90-91.

<sup>2</sup> Para uma análise literária do poema veja-se Amélia Pais, *Para compreender Fernando Pessoa* (Lisboa s/d), pp. 91-93.

A dinâmica do poema e a sua cativante simplicidade residem em fazer emergir o paradoxo através da imagem de vida instintiva e despreocupada que o gato, ser irracional, ostenta; nele, como na ceifeira, se polarizam os valores positivos da não-consciência, assimilados na última estrofe à ideia abstracta – e impossível – de felicidade “sem razão” (“és feliz porque és assim”). Não obstante o tom quase coloquial do poema, é discernível um molde de elaboração filosófica remanescente da linguagem estóico-epicurista<sup>3</sup> e do apelo típico às leis naturais, que o homem deve observar se deseja obter uma vida feliz – *ad recte (beate) uiuendum*.

Como todas as versões de Silva Bêlkior, a leitura latina de “Gato que brinca na rua” pode constituir uma experiência diferente e motivadora, quer para iniciar um ano lectivo de latim, quer para descomprimir etapas eventualmente mais sobrecarregadas de leccionação, oferecendo uma amostra viva (e poética) do *otium cum dignitate*, a que Cícero tantas vezes nos deixa apelo.

É, contudo, num intuito especificamente didáctico que aqui propomos o poema, dado adaptar-se com razoável homogeneidade a uma etapa de programação não muito exigente, em que o nível coloquial se complementa na clareza da sugestão poética. A compreensão do texto latino não requer muito mais do que o conhecimento dos temas em a e o e o presente do indicativo, activo e passivo, da flexão verbal, embora seja útil uma familiarização com a 3ª declinação, que o professor poderá realizar previamente com palavras do âmbito lexical do poema, de temas em consoante e em -i como *sors*, *rex* ou *feles*; o mesmo se diga dos pronomes pessoais (incluindo *is*, através do qual se poderá explicar *hanc*, no v.3) e do pronome relativo. Igualmente elementar é o âmbito sintáctico: à parte a oração de *uelut*, com omissão de *esse*, no v.2, e do participio *regentium*, no v.6, a construção é sobretudo linear, com duas orações relativas e duas causais não problemáticas (uma de *quia* e outra de *quod*).

---

<sup>3</sup> Limitamo-nos a frisar aqui um aspecto comum a ambas as doutrinas, que noutros pontos são bem distintas. O poema realiza uma mescla de estoicismo e epicurismo: ao primeiro pertence a ideia de *fatum* “destino”, suposto nas “leis fatais”; ao segundo, a valorização do prazer, que o lexema “brincar” evoca. Sobre os aspectos comuns e as diferenças entre estoicismo e epicurismo, em ligação com Pessoa, veja-se o nosso estudo sobre “Vertentes clássicas na poesia de Alberto Caeiro e de Ricardo Reis”.

### 1ª etapa

Dada a brevidade do poema e o facto de a sua apresentação ser bilingue, esta primeira etapa poderá centrar-se na identificação de palavras já conhecidas e outras deduzíveis do português. O aluno conhece já certamente o adj. *bonus, a, um*; substantivos como *uia*, *seruus*; verbos como *ludere*, *uocare (uocari)*, *uiuere*, *uidere*.

O exame do restante vocabulário poderá orientar-se numa lógica gramatical:

**1. declinação dos temas em a e o:** além das palavras já mencionadas, há a assinalar o adj. verbal *stratus, a, um*, representado no port. *estrato* (via erudita) e *estrado* (via popular) – ambos, substantivos por derivação imprópria; o masc. *lectulus* e os neutros *saxum* e *instinctum* (port. *seixo*, *instinto*, respectivamente). Merece especial menção *lectulus*, diminutivo de *lectus* “leito” ou “cama”, que o tradutor preferiu para sugerir mais adequadamente a “cama” do gato;

**2. declinação de temas em consoante e em i:** a 1ª estrofe é ótima para exemplificar uma das principais dificuldades dos temas em consoante, particularmente em oclusiva muda. Exceptuando o caso da labial, a junção da oclusiva ao –s da desinência, nos masculinos e femininos, mascara o tema: no caso das dentais, estas assibilam-se (*sort-s* > *sors*; *ped-s* > *pes*); no caso das guturais, forma-se uma consoante dupla (*reg-s* > *rex*; *duc-s* > *dux*). A ocorrência sucessiva de *sors*, em acusativo e em nominativo, nos vs. 3 e 4 (de acordo com as funções, respectivamente, de compl. directo e *inuido* e de predicativo do sujeito), permite interiorizar essa particularidade, melhor que qualquer exercício de declinação. Haverá, por outro lado, vantagem em frisar que a desinência de acusativo sing. é –m para todas as declinações (masculinos e femininos): *sortem* como *tuam*. Outras palavras da 3ª declinação podem ser explicadas nessa base: o acusativo pl. *gentes*, com uma terminação –s, também comum a todas as declinações, no acusativo plural dos masculinos e femininos, e o adjetivo *felix*, facilmente associável ao port. *feliz* (acus. sg. *felicem* > feliz, acus. pl. *felices* > port. felizes).

**3. flexão verbal:** outros verbos, além dos mencionados, situam-se da mesma forma numa continuidade etimológica óbvia ao vocabulário da língua mãe. *In-uidere* “olhar fixamente para” (*in malam partem*: “invejar”) é facilmente associado ao seu significado comum a partir de *inuidia* (port. “inveja”); *sentire* aparece em correspondência imediata ao port. *sentir* (cf. sensação), o mesmo acontecendo com *cognoscere*, cujo consonantismo se mantém em palavras de origem erudita como *incógnito* ou *cognitivo* e

cognição, na área da filosofia e da psicologia. Quanto a *sentire*, poderá referir-se que tem sobretudo em latim a conotação de “perceber através dos sentidos”. A dificuldade maior é certamente *sequi*, pela relutância inicial em reconhecer o verbo deponente, mesmo que tenha sido já assinalado. O seu uso na 2ª pessoa permite contudo a intuição de um infinitivo presente activo \**sequere*, que explica o port. seguir, quer pelo desaparecimento dos verbos deponentes, quer pela confusão entre a 3ª e a 4ª conjugações que se instalou no latim vulgar (na realidade, a forma portuguesa pressupõe um infinitivo \**sequire*).

um aproveitamento vocabular específico deverá ainda ser dado:

— a *feles*, a palavra clássica para “gato” (port. felino), substituída no latim vulgar pelo celt. cattus, donde provém a nossa palavra gato e outras das línguas românicas, como o fr. chat:

— a *ludere* e seus compostos, e.g. *illudere*, que em português deu iludir (o *in* de *in-ludere* não é negativo mas intensivo, como em *in-uidere*). O verbo será uma excelente ocasião para rever a significação diversa entre singular e plural do substantivo correspondente: *ludus, i* “brincadeira” ou “escola”; *ludi, orum* “jogos”, “espectáculo(s)”, nas duas principais modalidades que integravam as festividades romanas: os *ludi scenici* e os *ludi circenses*. De notar ainda o adj. lúdico e conceito de *homo ludens* (associado a *homo faber* e *homo sapiens*) promovido no âmbito da antropologia e da psicologia modernas<sup>4</sup>.

## 2ª etapa

Centrar-se-á na análise, não apenas linguística mas também interpretativa, da 2ª estrofe – sem dúvida, a mais complexa. A esse maior grau de dificuldade não é alheio o facto de ser esta a secção do poema que mais se aproxima de uma postura “clássica”, com referentes claramente

---

<sup>4</sup>*Homo ludens* é o título de uma obra famosa do historiador holandês Johan Huizinga, publicada em 1938, que destaca as actividades de diversão, e em especial os jogos, como elemento fundamental no desenvolvimento do ser humano, e na manutenção do seu equilíbrio. O conceito, em oposição ao do *homo faber*, lançado por K. Marx e, de algum modo, ao *homo sapiens*, constitui hoje um dos campos de reflexão privilegiados na antropologia. “Avant la lettre”, o poema permite a aplicação dos conceitos: o poeta representa o *homo faber* (termo, por sinal, equivalente ao *poietes* grego ...), privado da condição de *ludens*, condição que preenche, apesar do seu “nada”, a vida do gato ...

evocativos da doutrina estóico-epicurista. A ela pertence, como atrás sugerimos, o destaque dado às leis do *fatum* (suposto em *fatalia*) e da *natura*, aqui representada pelos *communia instincta*.

Silva Bêlkior assinala com grande felicidade essa mudança de registo, desde logo visível no recurso ao participípio presente para traduzir a oração relativa – *regentium* = (das leis) que regem – e, em especial, na disjunção bem latina do sintagma em que se integra:

*Fatalium bonus es seruus*  
*Saxa regentium ...*

O mesmo se diga da condensação das “leis fatais” na forma substantivada do neutro de *fatalis, e*, em que assenta uma das características constantes do latim e do grego – a de o adjetivo neutro assumir o valor de um substantivo abstracto. Assim:

*dicere uerum* (“o verdadeiro”) = *dicere ueritatem*, “dizer a verdade”  
*uera* (“coisas verdadeiras”)

No contexto latino, o uso de *regere* é suficiente para sugerir a ideia de “leis” (do destino), pelo que a tradução literal por *leges fatales* (no genitivo) quebraria desnecessariamente o ritmo e a concisão da linguagem poética. Ainda no enquadramento do estoicismo-epicurismo merece reparo a equivalência oportuna de *ter* a *sequir* (instintos), concretizada em *sequi*, verbo muito mais evocativo da linguagem que exprime o respectivo preceito doutrinário (e. g., *naturam sequi*).

O aprofundamento linguístico da estrofe dependerá do nível de língua conhecido e do ritmo de leccionação que o professor deseje imprimir-lhe. Partindo da hipótese de que a 3ª declinação foi previamente estudada nas duas modalidades principais – temas em consoante (*rex*) e temas em vogal (*feles*) – o texto latino poderá antecipar ou alargar esse conhecimento aos adjetivos e ao participípio presente, com apoio no confronto com o português. Concretizando:

**1. Adjectivos da 3ª declinação:** os exemplos da 2ª estrofe representam ambos o tipo biforme: *fatalis, e* e *communis, e*. A eles se poderá associar o uniforme *felix, icis*, da estrofe seguinte, que servirá para lembrar que a desinência de genitivo é *-is*, sendo *fatale* e *commune* formas de nom. e acus. neutros. Do mesmo modo, haverá vantagem em incluir o indefinido *omne*

“tudo”, cuja enunciação, *omnis, e*, é igual à de *fatalis, e* (substantivado: *omne, is*)<sup>5</sup>. A apresentação destes adjectivos deve ser acompanhada de duas indicações importantes:

— são (quase) sempre de tema em *i*, declinando-se como *ciuis* ou *feles* no masculino e no feminino. Os neutros terminam em *-e* no nom. e acus. singular, como *omne*, e apenas nesses dois casos divergem dos primeiros<sup>6</sup>. Quanto ao plural, a insistência no tema em *i* ajuda facilmente a entender a sua presença no genitivo (*fatalium*) e no nom. e acus. plural *communia*, que termina em *-a*, como todos os neutros do plural em latim (cf. *instincta*).

— correspondem, em português, aos adjectivos terminados em *-e* ou em consoante. Assim:

port. <u>leve</u>	lat. <i>leuis, e</i>
port. <u>grave</u>	lat. <i>grauis, e</i>
port. <u>fácil</u>	lat. <i>facilis, e</i>
port. <u>infeliz</u>	lat. <i>infelix, icis</i>

O mesmo sucede, de resto, com os substantivos (alguns terminados em *-e* podem ser da 5ª declinação, como *face*, de *facies, ei*, mas são raros):

port. <u>mar</u>	lat. <i>mare, is</i> (como <i>omne, is</i> )
port. <u>jovem</u>	lat. <i>iuuenis, is</i>
port. <u>sorte</u>	lat. <i>sors, sortis</i>
port. <u>origem</u>	lat. <i>origo, inis</i>

**2. Participios presentes:** a análise pormenorizada da sua formação não se me afigura imprescindível nesta fase. O *homo ludens* atrás citado ajudará a assimilar a enunciação do participio e a sua ligação ao verbo respectivo: *regens, entis* como *ludens, entis* (adjectivo verbal uniforme). Importante fazer notar que, como adjectivo (verbal), o participio presente é também geralmente de tema em *-i*, pelo que a terminação do gen. pl. *regentium* é a mesma que *fatalium*.

<sup>5</sup> Para *omnis, e* (frequentemente confundido pelos alunos com *homo, inis*), vejam-se as sugestões que deixámos no n.º 46 deste *Boletim*, pp. 77-78.

<sup>6</sup> Por norma, apenas falo no vocativo (que é, como se sabe, um caso em desaparecimento) na única situação em que difere do nominativo, ou seja, no singular da declinação temática. Mas o critério pode, obviamente, ser outro.

A explicação sintáctica poderá partir dos inúmeros casos do português em que o participio presente se manteve, embora apenas como adjectivo (equivalente a uma oração relativa), frequentemente substantivado:

- (as estrelas) cadentes = que caem
- (um espectáculo) comovente = que comove
- (o, a) regente = que rege (governa)
- (o, a) amante = que ama
- (o, a) ouvinte = que ouve
- (o, a) vidente = que vê (tecnicamente: coisas que os outros não vêem)

Salvo raras excepções, as terminações -ante, -ente, -inte em português representam, portanto, o participio presente latino. Se se entender oportuno, poderá dar-se um quadro sintáctico mais amplo, associando aos valores adjectivos os circunstanciais, que equivalem em português ao gerúndio. Assim:

- audiens*: a. que ouve (valor adjectivo)
- b. ouvindo, ao ouvir (valor circunstancial)

### 3ª etapa

A interiorização do paradoxo final, a que o confronto do eu lírico com o gato conduz, exprime-se, como referimos já, numa simplicidade linguística partilhada pela versão latina. O principal aspecto a salientar tem a ver com o duplo valor de *quod*, que o aluno deverá desde o início ter em atenção, que surge, por casualidade, em versos sucessivos (n.ºs 8 e 9):

- a) conjunção causal, identicamente ao *quia* da 1ª estrofe e a *quoniam*;
- b) pronome relativo no neutro singular, que tem por antecedente o pronome indefinido, também neutro, *nihil* (coloquial e poético *nil*).

A parte final da análise deverá contemplar aspectos estilísticos da tradução que não foram referidos ainda e que poderão, de resto, ser tratados nas etapas anteriores. Esse tipo de análise é importante para a sensibilização de formas de expressão latina, que poderá alargar-se à intencionalidade poética do tradutor. Entre as alterações de pormenor assinalamos:

1. v. 2: a dificuldade de exprimir em latim “como se fosse” levou à opção de explicitar “deitado” (*stratus*), com a característica omissão do verbo;

2. v. 3: o estilema “sorte que é tua” não ficaria bem na tradução literal, pelo que o “desvio” de Bélkior se justifica: o complemento directo vem antes do verbo e a noção de posse é dada pelo dativo do pronome pessoal, criando, pela sua inserção a meio do sintagma, uma disjunção típica da poesia, sendo *hanc* aqui convocado para prolongar o realce dado no original a sorte (mais intenso do que o simples “invejo a tua sorte”);

3. v. 7: o nível poético da estrofe sai reforçado em latim com a colocação em anástrofe do pronome relativo; teríamos, na ordem directa: (*tu qui sequeris instincta communia*). O uso da anástrofe, particularmente em poesia, permite dar um realce novo a *communia instincta*, acentuado pela sua posição inicial no verso;

4. v. 10: a tradução latina confrontou-se com o mesmo problema do verso 3, ou seja, o realce sugerido através da fórmula que é teu; a solução é diferente e igualmente feliz: “o nada que és está todo contigo” (*est omne tecum*), mantendo a mesma sequência enfática das duas ocorrências do v. ser (o nada que és é teu, lat. *quod es est*) – efeito possível com *tecum* porque em latim *sum* copulativo significa “ser” ou “estar”;

5. v. 11: a tradução literal de “estou sem mim” daria obviamente em latim um texto “esquisito”. O tradutor optou por concretizar a ideia de vida com *uiuere*, sugerindo a ideia de privação através do uso adverbial de *absque*. Deste modo, *absque uiuo* “vivo longe, privado (de mim): a característica concisão latina dispensa a repetição de *me*, permitindo que o uso adverbial de *absque* assumia uma latitude maior (privação, distância), que se adequa plenamente ao original.

Procurámos exemplificar várias hipóteses de exploração (vocabular, estilística ...) que, a nosso ver, valorizam a qualidade poética, quer do poema quer da sua versão latina. O aluno terá vantagem em “revisitá-la” através do seu aproveitamento gramatical, que pode traduzir-se, do simples estímulo a descobrir outras associações vocabulares, à concretização de itens específicos, de que deixamos algumas sugestões:

— revisão do presente do indicativo activo e passivo (ou de outros tempos que tenham sido dados) através das quatro conjugações exemplificadas no texto latino: *uocare (uocari)*, *uidere*, *regere*, *sentire*;

— exercícios de declinação: *lex fatalis*, *commune instinctum*, *feles ludens*;

— retroversão: “Vendo o gato que brinca, o poeta inveja a sorte dele, porque não pensa e é feliz”;

— recolha de informação sobre o conceito de *homo ludens* e sobre outros associados, também de expressão latina (*homo sapiens, homo faber*).

MARIA TERESA SCHIAPPA DE AZEVEDO